

# *Under Pressure.* Remontagens de pedra lascada no contexto de intervenções de emergência: o caso dos sítios do Tardiglaciar da área de Leiria

Marco António Andrade<sup>1</sup>  
Henrique Matias<sup>2</sup>  
Maria Mântua Garcia<sup>3</sup>

## **Abrindo: breve introdução, justificação de estudo e alguns agradecimentos.**

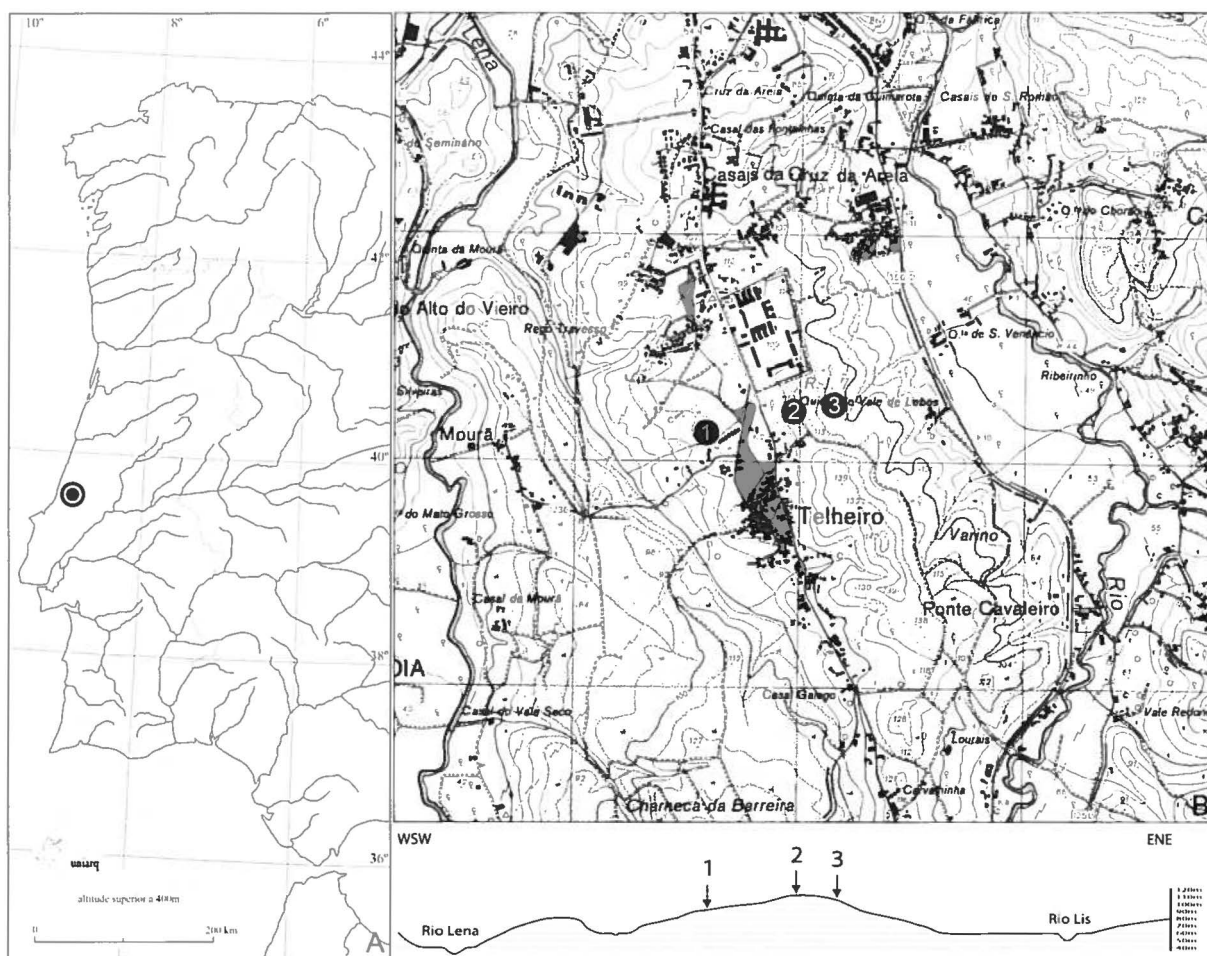
O presente trabalho refere-se à conferência apresentada pelos signatários no encontro *Reconstruindo os Puzzles do Passado: Colóquio sobre Remontagens de Pedra Lascada* organizado por Francisco Almeida e realizado a 4 de Dezembro de 2010 na sede da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.

Pretendia-se apresentar não só os resultados preliminares obtidos com os sítios arqueológicos escavados (Cruz da Areia, Telheiro da Barreira e Cortes), mas também demonstrar a possibilidade de articular intervenções de emergência com análises científicas dos dados recuperados – para além da mera descrição *acientífica* de contextos identificados e espólios recolhidos, prática tão em voga nos tempos correntes, como se pode comprovar pela leitura de alguns estranhamente intitulados *Relatórios Técnico-Científicos...*

<sup>1</sup> UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Colaborador da CRIVARQUE – Trabalhos Geo-Arqueológicos, Lda. folha-de-acacia@iol.pt

<sup>2</sup> UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Mestre em Geoarqueologia, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. hamatias@gmail.com

<sup>3</sup> Mestranda em Arqueologia, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve. maria.mantua.garcia@gmail.com



**Fig. 1** Situação dos sítios de Cruz da Areia, Telheiro da Barreira e Cortes no Extremo Ocidente peninsular (A). Situação dos sítios de Cruz da Areia (1), Telheiro da Barreira (2) e Cortes (3) na folha nº 297 da Carta Militar de Portugal, esc. 1:25000 (B). Em baixo, perfil WSW-ENE da topografia do interflúvio Lena-Lis, com indicação dos sítios escavados.

Foram usados como suporte para este trabalho os sítios do Tardiglacial recentemente intervencionados por equipas da CRIVARQUE – Trabalhos Geo-Arqueológicos, Lda. na área de Leiria, no âmbito de acções de minimização dos impactes negativos do projecto IC36 – Leiria, trabalhos dirigidos por Marco António Andrade, Adelaide Pinto e Francisco Almeida.

Assim, encarando sempre uma intervenção arqueológica de emergência como uma intervenção científica, a aplicação do método de remontagens de pedra lascada (elemento frequentemente exclusivo no registo arqueológico devido a constrangimentos tafonómicos dos depósitos sedimentares e, portanto, fundamental para a compreensão das comunidades pré-históricas) revela-se como uma

componente válida na definição dos contextos escavados, mesmo que *sob pressão*.

Os trabalhos realizados nos sítios do Tardiglacial da área de Leiria vieram precisamente comprovar a possibilidade dessa relação, na articulação entre intervenções de emergência e estudos científicos a partir dos dados recolhidos. Com efeito, metodologicamente, os trabalhos de escavação foram orientados tendo em conta a (previsível) possibilidade de efectuar remontagens – tendo as possíveis associações identificadas em campo sido referenciadas como tal (registando-as tridimensionalmente). Com os subsequentes trabalhos de laboratório, comprovando-se ou excluindo-se as possíveis remontagens identificadas em campo, outras remontagens foram conseguidas – seguindo-se metodolo-

gicamente critérios de classificação segundo o tipo de rocha, a sua textura e coloração para separação dos diversos elementos (de modo a segmentar as potenciais associações).

Assim, na óptica de uma Arqueologia que ainda se quer Ciência, as remontagens de pedra lascada afiguram-se como uma prática francamente viável que pode ser enquadrada na designada Arqueologia Preventiva, com o objectivo de uma melhor definição e compreensão dos contextos arqueológicos escavados (indispensável à sua salvaguarda).

Neste âmbito, agradecemos a Francisco Almeida (*remetendo um abraço para os antípodas*) pelo convite para a participação no colóquio *Reconstruindo os Puzzles do Passado*. Agradecemos ainda a Francisco Almeida e Adelaide Pinto pela cedência dos dados recolhidos nas escavações por si dirigidas nos sítios de Cruz da Areia e Cortes, indispensáveis à validação científica deste trabalho (agradecendo-se igualmente à CRIVARQUE – Trabalhos Geo-Arqueológicos, Lda. por todo o apoio prestado).

## **2. Tardiglaciar na área de Leiria: os sítios interencionados e os contextos arqueológicos.**

Os sítios interencionados (Cruz da Areia, Telheiro da Barreira e Cortes) localizam-se no interflúvio Lena-Lis, sobre areias pliocénicas, oferecendo situações topográficas distintas (Figura 1).

O sítio de Cruz da Areia encontrava-se instalado em plataforma a meia encosta, tendo sido identificada uma vasta área ( $\pm 2000\text{m}^2$ ) de dispersão de seixos de quartzito termoclastados, desconexos mas imbricados, associada a um possível «horizonte de ocupação» que incluía várias estruturas de combustão. Nesta última área regista-se igualmente uma intensa actividade de talhe, incluindo núcleos, material de preparação, utensílios sobre lasca e suportes lamelares.

O sítio de Telheiro da Barreira encontrava-se instalado em área de topo, o que em muito contribuiu para a sua deficiente preservação devido à acção dos agentes erosivos – com efeito, o suposto nível de ocupação encontrava-se praticamente à superfície, registando-se ainda a eolização parcial de alguns dos artefactos (inferindo-se a partir deste facto que se encontraram expostos à superfície durante

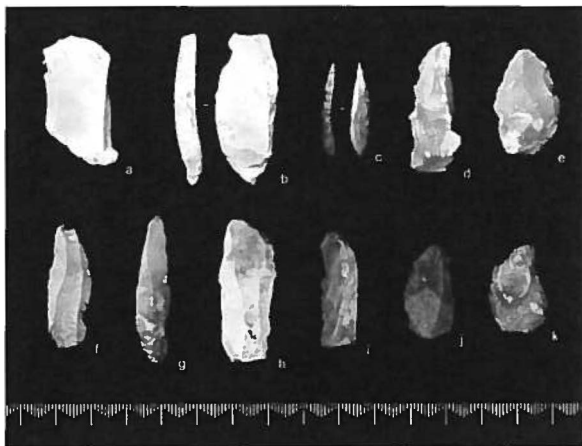
algum tempo). Ainda assim, foi possível identificar uma estrutura caracterizada por uma concentração sub-circular de termoclastos em conexão depositados em *cuvette* e várias «estruturas negativas» interpretadas como «cinzeiros» (caracterizadas pela concentração cinzas e carvões). Regista-se a escassez de utensílios e a abundância de núcleos de quartzito de tipologia diversa.

O sítio de Cortes encontrava-se instalado em plataforma a meia encosta, tendo sido identificada uma dispersão de termoclastos desconexos associada a algumas possíveis estruturas de combustão. O registo arqueográfico identificado assemelha-se àquele identificado em Cruz da Areia, embora em menor escala (possivelmente devido à menor área escavada).

Pelas características tecno-tipológicas do espólio recolhido (Figura 2), estes sítios enquadram-se genericamente nos tecnocomplexos magdalenenses, possivelmente – e embora o estudo tecno-tipológico do espólio recuperado não esteja concluído – atribuíveis à sua fase terminal (cf. Zilhão, 1997; Gameiro, 2012), embora se possa sugerir também uma idade epipaleolítica baseada em dados cronométricos recentes (informação pessoal de Tiago do Pereiro).

Destaca-se, no conjunto e para além da utensilagem de fundo comum, a presença de lamelas de Areeiro, ponta de dorso, ponta fusiforme, raspadeiras unguiformes, afocinhadas e carenadas utilizadas como núcleos, peças esquiroladas, buris transversais (lascas apontadas com levantamentos burinantes perpendiculares ao eixo tecnológico), núcleos para debitação de produtos alongados com plano de percussão liso e respectivos suportes extraídos.

Estes sítios conservavam ainda diversos tipos de estruturas de actividades possivelmente correlacionáveis, tendo sido reconhecidas, no conjunto dos três sítios, variadas estruturas tipológica e funcionalmente distintas: 1) estruturas de combustão sub-circulares, caracterizadas pela presença de termoclastos, concentração de cinzas e carvões e com rubefacção de sedimentos na base; 2) estruturas de funcionalidade desconhecida, caracterizadas por concentrações de termoclastos depositados em



**Fig. 2** Exemplos do instrumental lítico em sílex recolhido: raspadeira sobre lasca segmentada (a); ponta de dorso com alteração térmica (b), ponta fusiforme (c); denticulado (d); lascas apontadas (e, j-k); lamelas (f-g); lâminas retocadas (h-i).

*cuvette*, sem vestígios de cinzas ou rubefacção de sedimentos (possíveis estruturas de aquecimento, «placas térmicas», «lareiras sem fogo»); 3) «cinzeiros», caracterizados pela presença de cinzas e carvões em depressões escavadas nas areias pliocénicas de base (desde 40cm até 3m de diâmetro), onde se recolheu abundante material residual (esquirlas e pequenos fragmentos de termoclastos), com maior densidade nos níveis inferiores; 4) «despejos» de termoclastos (embora não se possam considerar propriamente como estruturas), formando grandes concentrações sem conexão aparente (em Cruz da Areia, por exemplo, com cerca de 2000m<sup>2</sup>).

Uma sugestão interpretativa permite equacionar a relação entre estes diversos tipos de estruturas: 1) lareiras para funções básicas (cozinhar), cujos componentes pétreos poderiam ser igualmente aproveitados nas estruturas descritas de seguida; 2) estruturas compostas por seixos aquecidos, retirados das lareiras, para funções que não requeiram a acção directa de fogo, tais como secagem de peles ou carnes; 3) «cinzeiros», resultantes da limpeza das estruturas de tipo 1 após a remoção dos seixos de maiores dimensões para as estruturas de tipo 2, restando os pequenos fragmentos termoclastados e todos os vestígios de uma lareira *toss zone*, incluindo material debitado queimado; 4) «tapetes de termoclastos», resultantes da limpeza/desmantelamento das estruturas de tipo 2.

Tratam-se, genericamente (e de acordo com a comparação do espólio recolhido), de sítios aparentemente contemporâneos – podendo ser encarados de acordo com duas hipóteses explicativas: 1) três núcleos ocupados simultaneamente, configurando uma vasta área de acampamento com dispersão horizontal e exploração diferenciada do espaço; 2) três núcleos ocupados intercaladamente dentro da diacronia do Magdalenense final (ou já no Mesolítico inicial), em que a comunidade se instala sazonalmente na mesma área mas não necessariamente no mesmo local. Seja como for, tratar-se-ão de ocupações intensas e sucessivas, pelo menos a julgar pela densidade do descarte de elementos termoclastados em Cruz da Areia.

Será de referir, contudo, as diferenças artefactuais registadas nos três sítios, ressalvando-se a escassez efectiva de utensílios em Telheiro da Barreira, contraposta à abundante presença de núcleos de quartzito de tipologia diversa – sucedendo o inverso em Cruz da Areia e Cortes. Reflectirá esta divergência a funcionalidade específica dos diversos sítios? Seja como for, são questões a que apenas o estudo exaustivo do espólio recolhido e a realização de datações absolutas poderá responder (encontrando-se em estudo a possibilidade de efectuar datações sobre as amostras antracológicas recolhidas nos «cinzeiros» de Telheiro da Barreira).

Malgradamente, estes sítios conheceram várias fases de intervenção repartidas por diversas equipas (o que origina um indesejável rol de informação truncada). O sítio da Cruz da Areia foi intervencionado por equipas da CRIVARQUE – Trabalhos Geo-Arqueológicos, Lda. sob a direcção de Francisco Almeida e Adelaide Pinto (Fases 1, 6 e 7 – esta última posteriormente à apresentação deste trabalho) e por equipas da ERA – Arqueologia, S.A. sob a direcção de Juan Espinosa Soto e Tiago do Pereiro (Fases 2, 3, 4 e 5). O sítio do Telheiro da Barreira foi intervencionado por equipas da CRIVARQUE – Trabalhos Geo-Arqueológicos, Lda. sob a direcção de Adelaide Pinto e Marco António Andrade (Fases 1 e 3) e por equipas da ERA – Arqueologia, S.A. sob a direcção de Juan Espinosa Soto (Fase 2) O sítio de Cortes foi intervencionado exclusivamente por equipas da CRIVARQUE – Trabalhos Geo-Arqueoló-

gicos, Lda. sob a direcção de Francisco Almeida e Adelaide Pinto.

### 3. Cruz da Areia: as remontagens possíveis.

À data da redacção deste texto, a escavação do sítio da Cruz da Areia (nomeadamente, as intervenções realizadas por equipas da CRIVARQUE – Trabalhos Geo-Arqueológicos, Lda. na área do «tapete de termoclastos» e área periférica do «horizonte de ocupação» – Fase 6) encontrava-se ainda em conclusão, sendo que o tratamento do espólio ainda não se encontrava realizado. No entanto, foi possível identificar várias remontagens de elementos de sílex durante os trabalhos de campo, assim como a remontagem de duas lascas sequenciais num núcleo de quartzito (o único elemento apresentado neste trabalho) na área do «tapete de termoclastos», recolhidos no mesmo quadrado (C.22) em quadrantes distintos.

As escavações realizadas por equipas da ERA – Arqueologia, S.A. permitiram a identificação de várias possíveis remontagens no contexto do «horizonte de ocupação», numa zona restrita interpretada como área de talhe (informação pessoal de Tiago do Pereiro). As intervenções realizadas na Fase 7 permitiram igualmente a identificação de uma possível área de talhe, caracterizada pela concentração de espólio lítico proveniente de um número restrito de blocos (registando-se da mesma maneira a escassez de utensílios retocados).

### 4. Telheiro da Barreira: as remontagens possíveis.

Os exercícios de remontagem aplicados ao espólio do Telheiro da Barreira no âmbito deste estudo incidiram apenas nos elementos de quartzito recolhidos nos «cinzeiros» [202] e [402] – opção metodológica baseada no pressuposto de se tratarem de contextos aparentemente fechados (sem aparentes perturbações pós-deposicionais), passíveis de fornecer informações mais sólidas.

O «cinzeiro» [202] corresponde a uma «estrutura negativa» sub-circular com cerca de 3m de diâmetro escavada nas areias pliocénicas de base. Encontrava-se preenchido por sedimento arenoso de tonalidade negra, composto pela acumulação de cinzas e carvões. Ocupa os quadrados I-K.10-12. Fo-

ram possíveis, dentro deste contexto, seis remontagens (TB [202] REM-1 a 6) e uma recolagem (TB [202] REC-1).

TB [202] REM-1: Remontagem de uma lasca em núcleo remontante de redução frontal unidireccional. A lasca remontada foi a última a ser extraída deste núcleo. Elementos distribuídos pelos quadrados J.12 e I.10 (NA1 e 3).

TB [202] REM-2: Remontagem de uma lasca em núcleo remontante de redução frontal unidireccional. Foi possível a associação de duas outras lascas a este bloco, não tendo sido possível a sua remontagem efectiva. Elementos distribuídos pelos quadrados J.12 e I.12 (NA2 e 3).

TB [202] REM-3: Remontagem de duas lascas sequenciais. Foi possível a associação de duas outras lascas a este bloco, não tendo sido possível a sua remontagem efectiva<sup>4</sup>. Elementos distribuídos pelos quadrados I.10, K.10, I.11 e J.11 (NA2 e 3).

TB [202] REM-4: Remontagem de duas lascas sequenciais, não tendo sido possível qualquer outra associação a este bloco. Elementos distribuídos pelos quadrados J.10 e J.11 (NA3).

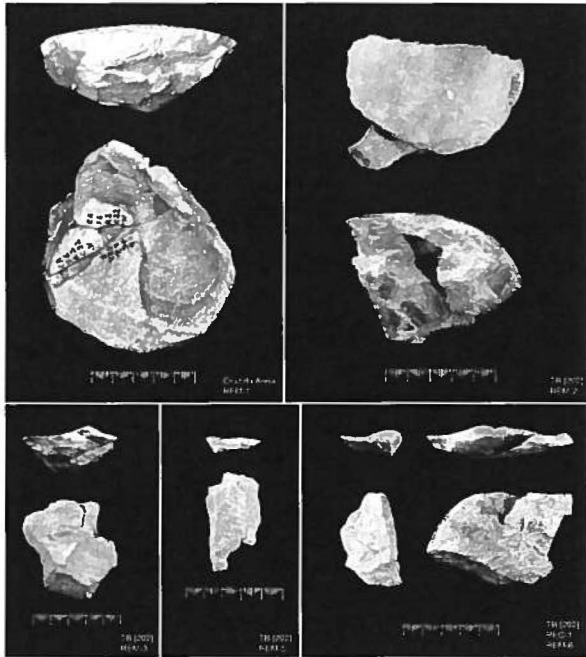
TB [202] REM-5: Remontagem de duas pequenas lâminas sequenciais. Foi possível a associação de três outras lascas a este bloco, não tendo sido possível a sua remontagem efectiva. Elementos distribuídos pelos quadrados J.11; I.12, J.12 e K.12 (NA1, 2 e 3).

TB [202] REM-6: Remontagem de duas lascas sequenciais. Foi possível a associação de quatro outras lascas a este bloco, não tendo sido possível a sua remontagem efectiva. Associa-se igualmente a este bloco dois fragmentos recolados de uma mesma lasca (TB [202] REC-1). Elementos distribuídos pelos quadrados J.11, I.12 e J.12 (NA1 e 2).

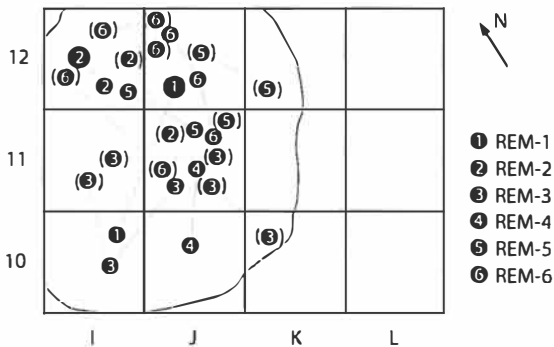
TB [202] REC-1: Recolagem de dois fragmentos de uma mesma lasca fracturada transversalmente. Encontra-se associado ao bloco TB [202] REM-6. Os dois elementos recolados foram recolhidos nos quadrados J.11 (NA2) e I.12 (NA1).

O «cinzeiro» [402] corresponde igualmente a uma «estrutura negativa», de contorno elipsoidal

<sup>4</sup> Posteriormente à redacção deste trabalho, foi possível a remontagem física da lasca recolada TB [402] REC-1 no bloco TB [402] REM1b, confirmando-se assim a pertinência da sua prévia associação.



**Fig. 3** Remontagens de Cruz da Areia – Área 2 (CA REM-1) e Telheiro da Barreira – «cinzeiro» [202] (TB [202] REM-2, REM-3, REM-5, REC-1/REM-6).



**Fig. 4** Distribuição espacial das remontagens conseguidas no «cinzeiro» [202]. Os círculos maiores correspondem a núcleos. As associações encontram-se indicadas entre parêntesis. Os quadrados de escavação correspondem a 1x1m.

com cerca de 4x3m, escavada nas areias pliocénicas de base. Encontrava-se preenchido por sedimento arenoso de tonalidade negra, composto pela acumulação de cinzas e carvões. Ocupa os quadrados E-I.20-23. Foram possíveis, dentro deste contexto, nove remontagens (TB [402] REM-1 a 9) e três recolagens (TB [402] REC-1 a 3).

TB [402] REM-1: Quatro blocos remontados (TB [402] REM-1a-d) pertencentes ao mesmo seixo sem

remontagem física efectiva entre si. TB [402] REM-1a corresponde à remontagem de oito lascas sequenciais em núcleo remontante de redução frontal unidireccional; REM-1b corresponde à remontagem de sete lascas sequenciais; TB [402] REM-1c corresponde à remontagem de 12 pequenas lascas sequenciais em pequeno núcleo; TB [402] REM-1d corresponde à remontagem de duas lascas sequenciais. Foi possível a associação de 11 outras lascas a este bloco, assim como dois fragmentos recolados (acidente de Siret) de uma mesma lasca (TB [402] REC-1), não tendo sido possível a sua remontagem efectiva. Elementos distribuídos pelos quadrados H.20, E.21, F.21, G.21, F.22, G.22 e F.23 (NA2 e 3).

TB [402] REM-2: Remontagem de sete lascas sequenciais. Foi possível a associação de duas outras lascas a este bloco, não tendo sido possível a sua remontagem efectiva. Elementos distribuídos pelos quadrados G.20, F.21, G.21, H.21 e F.22 (NA2 e 3).

TB [402] REM-3: Remontagem de uma lasca em núcleo remontante de redução frontal unidireccional. Foi possível a associação de três outras lascas a este bloco, não tendo sido possível a sua remontagem efectiva. Elementos distribuídos pelos quadrados G.20, F.21, G.21 e F.22 (NA3).

TB [402] REM-4: Remontagem de uma lasca em núcleo remontante de redução frontal unidireccional, não tendo sido possível qualquer outra associação a este bloco. Elementos distribuídos pelos quadrados F.21 e H.21 (NA3).

TB [402] REM-5: Remontagem de seis lascas em núcleo poliédrico de redução multifacial com planos de exploração cruzados. Foi possível a associação de três outras lascas a este bloco, não tendo sido possível a sua remontagem efectiva. Elementos distribuídos pelos quadrados H.20, E.21, F.21, G.21, F.22 e G.23 (NA2 e 3).

TB [402] REM-6: Remontagem de duas lascas em núcleo remontante de redução frontal unidireccional. Foi possível a associação de duas outras lascas a este bloco, não tendo sido possível a sua remontagem efectiva. Elementos distribuídos pelos quadrados E.20, F.21, H.21, F.22 e F.23 (NA2 e 3).

TB [402] REM-7: Remontagem de duas lascas sequenciais, não tendo sido possível qualquer outra associação a este bloco. Elementos distribuídos pe-

los quadrados E.20 e F.22 (NA3).

TB [402] REM-8: Remontagem de duas lascas sequenciais, não tendo sido possível qualquer outra associação a este bloco. Elementos distribuídos pelos quadrados F.21 e G.22 (NA3).

TB [402] REM-9: Remontagem de duas lascas sequenciais. Foi possível a associação de um núcleo a este bloco, assim como dois fragmentos recolados (acidente de Siret) de uma mesma lasca (REC-2), não tendo sido possível a sua remontagem efectiva. Elementos distribuídos pelos quadrados G.20, E.21 e F.21 (NA 3).

TB [402] REC-1: Recolagem de dois fragmentos de uma mesma lasca (acidente de Siret). Encontrase associado ao bloco TB [402] REM-1<sup>5</sup>. Os dois elementos recolados foram recolhidos nos quadrados F.21 e G.21 (NA3).

TB [402] REC-2: Recolagem de dois fragmentos de uma mesma lasca (acidente de Siret). Encontrase associado ao bloco TB [402] REM-9. Os dois elementos recolados foram recolhidos nos quadrados F.21 e G.20 (NA3).

TB [402] REC-3: Recolagem de dois fragmentos de um grande raspador fracturado pelo eixo transversal ao gume. Os dois elementos recolados foram recolhidos nos quadrados F.22 (NA3).

### 5. Cortes: as remontagens possíveis.

Os exercícios de remontagem aplicados ao espólio de Cortes (quartzito) incidiram na área de dispersão de termoclastos (numa área de cerca de 40m<sup>2</sup>), ocupando os quadrados G.7, B-H.8, B-G.9 e B-F.10-12. Foram possíveis, dentro deste contexto, 13 remontagens (CTS REM-1 a 13) e três recolagens (CTS REC-1 a 3).

CTS REM-1: Remontagem de quatro lascas sequenciais em núcleo remontante de redução frontal unidireccional. Foi possível a associação de duas outras lascas a este bloco, não tendo sido possível a sua remontagem efectiva. Elementos distribuídos pelos quadrados E.9 e F.9 (UE1 e UE3 – NA3).

CTS REM-2: Remontagem de uma lasca em núcleo remontante de redução frontal unidireccional. Foi possível a associação de três outras lascas a este bloco, não tendo sido possível a sua remon-

<sup>5</sup> vd. nota 4.



Fig. 5 Remontagens de Telheiro da Barreira – «cinzeiro» [402] (TB [402] REM-1a, REM-1b, REM-1c, REM-1d, REC-1, REM-2, REM-5).

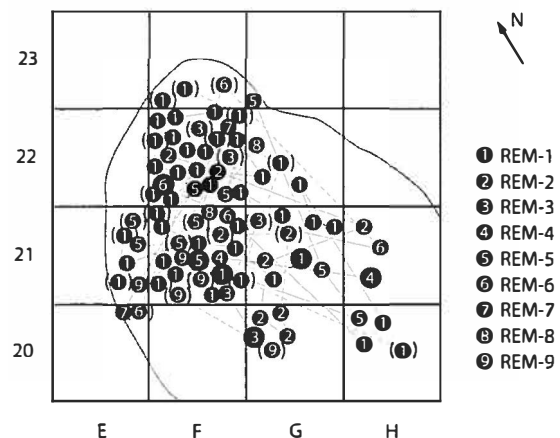


Fig. 6 Distribuição espacial das remontagens conseguidas no «cinzeiro» [402]. Os círculos maiores correspondem a núcleos. As associações encontram-se indicadas entre parêntesis. Os quadrados de escavação correspondem a 1x1m.

tagem efectiva. Elementos distribuídos pelos quadrados G.8, B.9, B.10 e D.10 (UE2 e UE3 – NA1 e 3).

CTS REM-3: Remontagem de duas lascas. Foi possível a associação de três outras lascas a este bloco, não tendo sido possível a sua remontagem efectiva. Elementos distribuídos pelos quadrados D.8, E.8, E.9 e G.9 (UE1 e UE3 – NA3 e 4).

CTS REM-4: Remontagem de três lascas sequenciais. Foi possível a associação de uma outra lasca a este bloco, não tendo sido possível a sua remon-

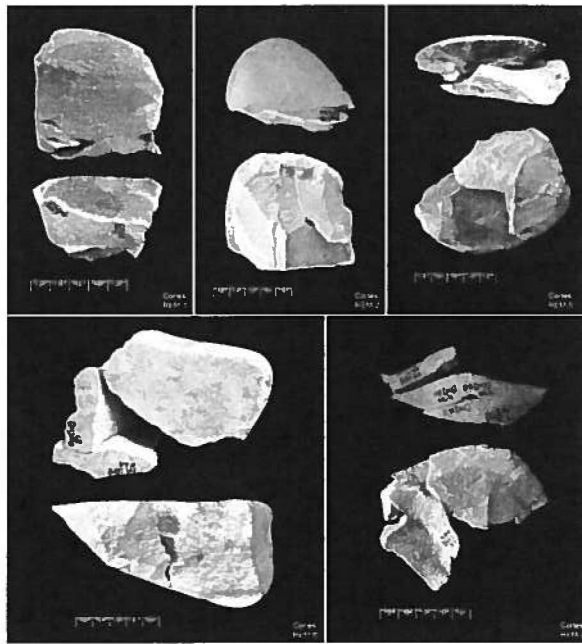


Fig. 7 Remontagens de Cortes – Área 1 (CTS REM-1, REM-2, REM-5, REM-6, REM-7).

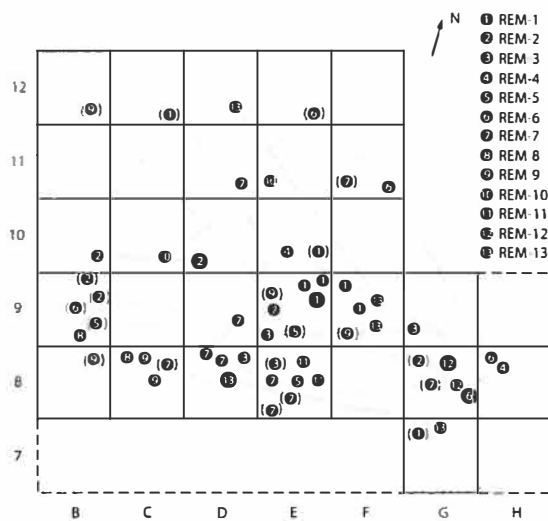


Fig. 8 Distribuição espacial das remontagens conseguidas em Cortes. Os círculos maiores correspondem a núcleos. As associações encontram-se indicadas entre parêntesis. Os quadrados de escavação correspondem a 1x1m.

tagem efectiva. Elementos distribuídos pela Sondagem 2 (UE1) e pelos quadrados D.10 e H.8 (UE3 – NA1 e 3).

CTS REM-5: Remontagem de duas lascas de preparação em utensílio (raspador). Foi possível a associação de duas outras lascas a este bloco, não tendo sido possível a sua remontagem efectiva.

Elementos distribuídos pelos quadrados E.8, B.9 e E.8 (UE2 e UE3 – NA3 e 5) e SUP.

CTS REM-6: Remontagem de duas lascas sequenciais em núcleo remontante de redução frontal unidireccional. Foi possível a associação de seis outras lascas a este bloco, não tendo sido possível a sua remontagem efectiva. Elementos distribuídos pelos quadrados H.8, B.9, F.11 e E.12 (UE3 – NA1, 3 e 4).

CTS REM-7: Remontagem de seis lascas sequenciais, sendo quatro delas recoladas (quatro lascas consecutivas fracturadas por acidente de Siret). Foi possível a associação de cinco outras lascas a este bloco, não tendo sido possível a sua remontagem efectiva. Elementos distribuídos pelos quadrados C.8, D.8, E.8, G.8, D.9, E.9, D.11 e F.11 (UE2 e UE3 – NA3 e 4) e SUP.

CTS REM-8: Remontagem de duas lascas sequenciais, não tendo sido possível qualquer outra associação a este bloco. Elementos distribuídos pelos quadrados C.8 e B.9 (UE3 – NA3 e 4).

CTS REM-9: Remontagem de duas lascas sequenciais. Foi possível a associação de duas outras lascas a este bloco, não tendo sido possível a sua remontagem efectiva. Elementos distribuídos pelos quadrados B.8, C.8, E.9 e F.9 (UE3 – NA3 e 4).

CTS REM-10: Remontagem de duas lascas sequenciais, não tendo sido possível qualquer outra associação a este bloco. Elementos distribuídos pelos quadrados C.10 e E.11 (UE2 e UE3 – NA2).

CTS REM-11: Remontagem de duas lascas, não tendo sido possível qualquer outra associação a este bloco. Elementos recolhidos no quadrado E.8 (UE3 – NA4).

CTS REM-12: Remontagem de uma lasca em núcleo remontante de redução frontal unidireccional, não tendo sido possível qualquer outra associação a este bloco. Elementos recolhidos no quadrado G.8 (UE3 – NA4).

CTS REM-13: Remontagem de três lascas (duas sequenciais, uma recolada) em núcleo remontante de redução frontal unidireccional. Foi possível a associação de três outras lascas a este bloco, não tendo sido possível a sua remontagem efectiva. Elementos distribuídos pelos quadrados G.7, D.8 e F.9 (UE1, UE2 e UE3 – NA1 e 3).

CTS REC-1: Recolagem de dois fragmentos de uma mesma lasca (acidente de Siret). Os dois elementos recolados foram recolhidos no quadrado B.8 (UE3 – NA4 e 5).

CTS REC-2: Recolagem de dois fragmentos de uma mesma lasca (acidente de Siret). Os dois elementos recolados foram recolhidos nos quadrados C.8 e C.12 (UE3 – NA1 e 4).

CTS REC-3: Recolagem de dois fragmentos de uma mesma lasca (acidente de Siret). Os dois elementos recolados foram recolhidos no quadrado C.9 (UE3 – NA2) e SUP.

## **6. Fechando: remontagens de pedra lascada e intervenções de emergência, uma relação possível?**

No contexto *sócio-económico-cultural* em que nos encontramos actualmente, e tendo em conta a influência directa deste *subsistema* na prática arqueológica (e não convocando aqui Karl Marx para o debate), somos levados a questionar se a aplicação do método de remontagens de pedra lascada a colecções provenientes de intervenções de emergência se afigura como possível. Como o demonstra o exemplo dos sítios do Tardiglaciar da área de Leiria objecto deste trabalho, a resposta parece ser afirmativa. Encarando sempre uma intervenção de emergência como uma intervenção científica, não resvalando num escusável tecnicismo relativista, a caracterização dos contextos identificados nunca se poderá imiscuir de uma análise criteriosa e rigorosa dos mesmos – avaliando assim toda a sua potencialidade científica.

Tomando um exemplo concreto, e em especial em sítios paleolíticos intervencionados no âmbito da Arqueologia Preventiva, não se compreende como é possível a aprovação de relatórios ditos tecno-científicos sem a realização de datações (no caso de haver amostras passíveis de datação provenientes de contextos bem definidos e correctamente interpretados). Havendo esta obrigatoriedade, não seria simples a sua realização, tendo em conta a salvaguarda completa de um sítio arqueológico que, efectivamente, será destruído? Não nos parece que um acréscimo de algumas poucas centenas de euros no preço final de uma intervenção, e existindo um fundamento legal para tal, venha trazer gran-

des prejuízos a *Donos de Obra...* No entanto e mais uma vez, a *Arqueologia Self-Service* ganha terreno em relação à desejável Arqueologia científica...

Com efeito, as novas gerações de arqueólogos cada vez se vêem mais, eles próprios, como técnicos (e não como *cientistas*), sendo que a prática arqueológica se resume muitas vezes a um remover casual de sedimentos (com o único propósito de *desobstruir* frentes de obra), sem que nenhuma informação cientificamente palpável seja disponibilizada.

A Arqueologia é tida, cada vez mais, como um ramo da construção civil (a própria substituição hermenêutica-epistemológica do conceito *escavação* pelo conceito *obra* é denunciadora dessa estranha transmutação). Mas o que fazer quando a própria tutela assumiu em tempos idos esta posição, dando-se lugar a uma eclética *Divisão de Arqueologia Preventiva*, não se sabendo muito bem onde encaixar a Arqueologia de Investigação? No entanto, para alguns (e não querendo tornar este texto um discurso auto-panegírico), a Arqueologia ainda é uma Ciência – e uma intervenção arqueológica, de emergência ou não, *ainda* é uma intervenção arqueológica.

Assim, encarando uma intervenção de emergência sempre como uma intervenção científica, a aplicação do método de remontagens de pedra lascada apresenta-se como solução para problemáticas arqueológicas específicas (Almeida, 1995; Almeida, Araújo e Aubry, 2003): 1) avaliação do estado de conservação dos sítios e o efeito de processos pós-deposicionais nos contextos; 2) avaliação da distribuição espacial dos elementos remontados, definindo possíveis áreas funcionais (de talhe, utilização e descarte); 3) avaliação das características tecnológicas dos produtos debitados. Pretende-se assim que o estudo se estenda para além da mera apresentação de peças individuais, numa tentativa coerente de interpretação de contextos.

No caso concreto dos sítios estudados, sobre a avaliação do seu estado de conservação e do efeito de processos pós-deposicionais no registo arqueológico, é possível inferir – pelas remontagens conseguidas – migrações verticais e horizontais do espólio nos depósitos. Tratam-se, contudo, de

fenómenos ocorridos em pequena escala, não se registando grandes índices de perturbação, encontrando-se os contextos relativamente bem preservados (em particular nos «cinzeiros» de Telheiro da Barreira).

Será de referir, por exemplo, a dispersão vertical dos elementos remontados nos «cinzeiros» de Telheiro da Barreira. No «cinzeiro» [402], 84,9% dos elementos remontados (incluindo as associações) foram recolhidos no nível inferior do depósito (NA3) contra 15,1% no nível intermédio (NA2) e 0% no nível superior (NA1). Já no «cinzeiro» [202], a distribuição vertical dos elementos remontados é mais homogênea, com 31% no NA1, 41,4% no NA2 e 27,6% no NA3.

Estas supostas migrações verticais poderão ser explicadas em duas hipóteses: 1) serão resultado de fenómenos indeterminados de perturbação de pequena proporção, registando-se a migração dos elementos mais densos para os níveis inferiores dos «cinzeiros» devido provavelmente à pouca compactação registada nos depósitos de enchimento; 2) serão resultado da acção efectiva de despejos antrópicos em que, aquando da sua vazão, se regista percentualmente a concentração dos elementos mais pesados nos níveis inferiores, dado que, devido à maior densidade da sua massa em relação à massa das cinzas, a velocidade com que atingem o solo é superior.

Em relação a Cortes, os elementos remontados distribuem-se por todos os níveis escavados, desde a Superfície à UE3-NA5. Estas supostas migrações verticais deverão ser subvalorizadas, visto a larga maioria dos elementos remontados se encontrar na UE3-NA3 (33,8%) e UE3-NA4 (25%) – correspondendo ao aparente nível de ocupação do sítio. Os valores dos restantes níveis distribuem-se de forma sensivelmente homogênea, com 6% na Superfície, 7,4% na UE1 e 8,8% na UE 2. Nos níveis superiores da UE3 (NA1 e NA2), os elementos remontados correspondem respectivamente a 13,2% e 2,9% do conjunto. Na base da UE3 (NA5), correspondendo ao nível interfacial difuso com o nível estéril subjacente, foram recolhidos 2,9% dos elementos remontados.

Sobre à dispersão horizontal em Cortes, obser-

va-se a concentração nos quadrantes SE e SW da área escavada (coincidindo com a área de maior densidade de termoclastos), com alguns elementos dispersos nos quadrantes NE e NW. Esta aparente divergência horizontal poderá explicar-se por fenómenos de coluvionamento de pequena escala, em que níveis contíguos poderão ter ficado sobrepostos seguindo o pendor da encosta. No entanto, todas estas observações são evidentemente constringidas pelo óbvio teor instável dos depósitos arenosos. Assim, a proximidade relativa dos elementos remontados permite supor a preservação relativa do contexto arqueológico.

Quanto à avaliação da distribuição do espólio remontado, de acordo com análises espaciais com vista à delimitação de áreas funcionais (de talhe, utilização e descarte), não se identificaram concentrações claramente caracterizadas como áreas de talhe ou utilização de suportes enquanto utensílios (no caso do conjunto estudado, obviamente). O carácter funcional dos «cinzeiros» de Telheiro da Barreira é evidente, correspondendo a uma área de descarte composta por um ou mais despejos provenientes da limpeza de lareiras (como se comprova pela existência de material lítico queimado e pequenos fragmentos de seixos termoclastados). Especificamente em relação ao «cinzeiro» [402] de Telheiro da Barreira, a disposição trigonal dos elementos remontados (com particular referência ao bloco REM-1), permite supor que estes despejos foram efectuados de Sul para Norte, com concentração de elementos na parcela Norte do «cinzeiro».

Infere-se, assim, no conjunto dos sítios escavados, a distribuição dos elementos remontados por áreas efectivas de despejo («cinzeiros» e «tapetes» de termoclastos), registando-se a concentração relativa dos elementos remontados. Trata-se, contudo, de descarte secundário – sendo o primeiro descarte realizado em áreas de combustão junto às quais se efectuará o talhe (comprovado pela existência de material queimado), tendo o segundo descarte (aquele identificado no registo arqueográfico) ocorrido após limpeza daquelas estruturas. A proximidade relativa dos elementos remontados permite supor que estes depósitos se tratam assim de despejos efectivos.

A remontagem de elementos queimados com elementos não queimados (visíveis, por exemplo, nos elementos do bloco REM-1 do «cinzeiro» [402] do Telheiro da Barreira), assim como a presença de elementos com fissuras térmicas, comprova o talhe (e descarte ulterior de elementos) junto a áreas de combustão. Refira-se a identificação, no decurso da escavação, de uma série de lascas extraídas do mesmo núcleo, dispersas na UE3-NA3 nos quadrados E.9 e F.9 de Cortes. Estes elementos foram posteriormente remontados em laboratório (CTS REM-1), tendo-se identificado ainda algumas associações.

Regista-se, no geral e de acordo com as leituras obtidas pelas remontagens, a presença de núcleos sem lascas e de lascas sem núcleos, com o aproveitamento das lascas que se afiguram como suporte preferencial para serem utilizadas em bruto e/ou transformadas em utensílios retocados (e não presentes nos contextos escavados por se tratarem, como dito, de contextos de descarte de elementos não aproveitados). Regista-se igualmente a ausência de lascas corticais, indicando que o talhe inicial ocorreria noutra local (possivelmente a matéria-prima seria testada aquando da sua recolocação).

De referir ainda, em Cortes, a remontagem de lascas em utensílio (raspador – CTS REM-5) e a recolagem de vários acidentes de Siret sequenciais e a posterior remontagem das lascas (CTS REM-7). Os restantes elementos remontados referem-se à remontagem de uma/duas lascas em núcleo ou à remontagem entre lascas sem identificação de núcleo. Percebe-se assim a concentração dos elementos na parcela sul da área escavada, coincidente com a maior densidade de termoclastos com especial destaque para as concentrações referentes aos blocos REM-1 e REM-7 de Cortes, estando os restantes elementos dispersos.

Em relação à avaliação das características tecnológicas dos produtos debitados – com vista à interpretação da evolução das estratégias de exploração do bloco, do fraccionamento da cadeia operatória e dos possíveis esquemas de aproveitamento ou rejeição de elementos (numa lógica de economia de matéria-prima) –, baseando-se tal acção na análise dos elementos remontados, foi possível verificar,

no conjunto dos três sítios, várias particularidades interessantes.

No que respeita especificamente ao quartzito, verifica-se que o talhe se caracteriza por uma tecnologia expedita, direccionada para obtenção preferencial de lascas alongadas, com estratégias simples de exploração dos núcleos (excluindo o caso de Telheiro da Barreira, com núcleos tipologicamente mais diversificados).

Mas tratar-se-á o uso do quartzito, neste sentido, de uma solução de recurso? A avaliação dos dados fornecidos pelo inventário preliminar destes sítios permite inferir que o talhe do quartzito teria um peso semelhante (se não mesmo superior) ao talhe do sílex – facto que não será explicado pela mera disponibilidade de matéria-prima.

Com efeito, o uso do quartzito nos sítios do Tardiglacial da área de Leiria não nos parece solução de recurso. Nesta área, a disponibilidade de quartzito (assim como de quartzo e lidito, também utilizados) é equivalente à disponibilidade de sílex (ambas rochas encontram-se em posição secundária nos terraços quaternários do Lena e do Lis a escassas centenas de metros dos sítios). Tratar-se-á então o quartzito de matéria-prima específica para utensílios específicos?

A resposta parece ser afirmativa. A importância do talhe do quartzito foi recentemente evidenciada para o Paleolítico superior da área da Estremadura portuguesa – referindo-se, em específico para o Magdalenense, a exploração do quartzito com vista à obtenção preferencial de lascas alongadas, registando-se por vezes a presença de talões preparados (Pereira, 2010). Algo semelhante parece ocorrer nos sítios estudados, encontrando-se igualmente presente o talhe laminar (ainda que ocasional), atestado pelo bloco REM-5 do «cinzeiro» [202] de Telheiro da Barreira – referente à remontagem de duas lâminas (ou lascas alongadas) sequenciais de quartzito.

As análises tecnológicas aos elementos remontados revelam assim uma tecnologia expedita mas de aproveitamento intensivo de núcleos, preferencialmente com exploração unidireccional por progressão frontal em núcleos de tipo remontante (cf. Pereira, 2010 a respeito da classificação de

núcleos) – muito embora se registem diversas características tipológicas nos núcleos de Telheiro da Barreira, igualmente com exemplares prismáticos, poliédricos e centrípetos. Esta variabilidade tipológica corresponderá não só à intencionalidade de obter suportes específicos mas também à definição prévia de estratégias de debitagem dependentes da morfologia dos seixos – realidade que se parece registar igualmente na Barca do Xerez (Araújo e Almeida, 2007), culturalmente correspondente a uma etapa cronológica sucedânea (mas talvez cronologicamente equiparável), não podendo ser explicada esta aparente «uniformidade tecnológica» exclusivamente por factores culturais agindo de modo diferencial de acordo com a disponibilidade de matéria-prima.

No entanto e como é óbvio, muito se encontra ainda por fazer. Assim, como perspectiva de trabalho para os sítios do Tardiglaciar da área de Leiria, pretende-se concluir a remontagem dos elementos de quartzito, proceder à remontagem dos elementos de sílex, ensaiar a remontagem de elementos termoclastados de modo a perceber áreas de despejos específicos e ensaiar a remontagem de elementos inter-sítios de modo a inferir a sua contemporaneidade efectiva e respectiva divisão funcional.

Se a aplicação do método de remontagens líticas em intervenções realizadas no âmbito da *Arqueologia Preventiva* é útil e possível? As páginas acima demonstram que sim...

Torres Novas, Março de 2011

Revisto em Junho de 2012

## Bibliografia

ALMEIDA, F. (1995) – O método de remontagens líticas: enquadramento teórico e aplicações. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa 3, p. 1-40.

ALMEIDA, F.; ARAÚJO, A. C.; AUBRY, Th. (2003) – Paleotecnologia lítica: dos objectos aos comportamentos. In MATEUS, J. E.; MORENO GARCÍA, M. (eds.) – *Paleoecologia humana e Arqueociências. Um programa multidisciplinar para a Arqueologia sob tutela da Cultura*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 29), p. 299-349.

ARAÚJO, A. C.; ALMEIDA, F. (2007) – Inland insights into the macrolithic puzzle: the case of Barca do Xerez de Baixo. In BICHO, N. (ed.) – *From the Mediterranean basin to the Portuguese Atlantic shore: papers in honor of Anthony Marks. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*. Faro: Universidade do Algarve, p. 185-208.

BICHO, N. F. (1993) – O paleolítico Superior Final de Rio Maior: perspectiva tecnológica. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 33: 3-4 (*Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular*, 2), p. 15-35.

DEMARS, P. Y.; LAURENT, P. (2003) – *Types d'outils lithiques du Paléolithique Supérieur en Europe*. Paris: CNRS Éditions.

GAMEIRO, C. (2012) – *La variabilité régionale des industries lithiques de la fin du Paléolithique supérieur au Portugal*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Paris I – Panthéon-Sorbonne. Paris. Policopiado.

PEREIRA, T. (2010) – *A exploração do quartzito na faixa atlântica peninsular no final do Plistocénico*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve. Faro. Policopiado.

RIPOLL LÓPEZ, S.; MUÑOZ IBÁÑEZ, F. J.; PEREZ MARÍN, S. (1997) – El Plistoceno Superior final en el sur de la Península Ibérica. *Espacio, Tiempo y Forma. Serie I (Prehistoria y Arqueología)*, 10, p. 27-54.

ZILHÃO, J. (1997) – *O Paleolítico Superior na Estremadura Portuguesa*. Lisboa: Colibri.

ZILHÃO, J.; MARKS, A. E.; FERRING, C. R.; BICHO, N. F.; FIGUEIRAL, I. (1995) – The upper paleolithic of the Rio Maior basin (Portugal). Preliminary results of a 1987-1993 portuguese-american research project. In JORGE, V. O. (coord.) *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular*. B. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 35: 4, p. 69-88.